

pedaçado por crueis reminiscencias dei-xei Nova-Orléans, e vim residir em Bal-timore onde ninguém conhece a nodoa de meu consorcio, nem o vicio que deslustra o nascimento de meus filhos. Ha dez annos que habito esta cidade, e n'ella tenho adquirido novas relações, restabeleci meu credito, reencontrei a fortuna, mas a felicidade!... essa nunca mais a encontrarei na terra.

Embora pareça que aqui vivemos fe-lizes: o temor demora no intimo do peito.

Todos ignoram a condição deshonro-sa de meus filhos, mas um dia podem descobri-la. Si nos amam e respeitam é por que ignoram quem somos. Basta para perder-nos uma unica palavra, de bem informado inimigo. Somos como o culpado que a sociedade suppõe in-nocente, e que não ousa acceitar a consideração publica, temendo que, descoberto o crime, mais se augmente a deshonra: . . . . .

N'este paiz a separação entre os ho-mens brancos de raça pura e os homens, chamados de côr, existe por toda a parte! nos hospitaes onde a humanidade pade-ce; nas igrejas onde ora ao Creador, nas prisões onde se corrige, no cemi-terio onde dorme o somno da eterni-dade. . . Sim, quando meus filhos mor-rem, algum lembrará que cem an-nos antes, um homem de côr existiu em a nossa geração; quando seus cada-veres forem transferidos á terra desti-nada as sepulturas serão repellidos, por que não fismem com o contacto impuro os esqueletos d'uma raça privilegiada.

Meu jovem amigo, devia confessar-vos a causa de minhas desgraças . . . a hospitalidade o exigia. — Si procuraes a felicidade na terra, não a encontrareis entre nós.

*Extrahido de Beaumont.*

## UM SONHO.

Eu não sei: cada qual tem sua que-zilha, sua mania, uma coisa com que sôlemnemente embirte. Um certo não pôde ouvir a narração do infortunio, porque teme que um dia o mesmo lhe aconteça; outro toma em máu agoiro o encontro do finado; este arrepi-a-se todo quando algum falla em lobisho-mens, bruxas, almas do outro mun-do &c. &c., aquelle toma-se de hor-ror, soffre ataques nervinos quando sabe que há no mundo ladrões que fur-tam, assassinos que matam, e cirurgiões bué cortam pernas.

Eu cá, posto não seja dos mais me-lindrosos, também tenho uma balda que não é por certo das melhores.

O meu fraco é não poder ouvir a narração de sonhos, não tanto dos hor-rosos, como daquelles que se rea-lisam a justa sem faltar ponto nem vir-gula. Digam lá o que quiserem os *espi-ritos fortes* explicando os phenomenos dos sonhos, nada me há satisfeito até ao presente. Parece que entre o homem e as intelligencias invisíveis da-se uma especie de comunicação que tem logar quando o corpo repouza: então nossa alma livre dos impecilhos sensitivos que a peiam ascende para uma esphera su-perior e lá entretém-se acerca do pas-sado e do futuro com as potencias in-visíveis. Ora esta confidencia nocturna com quem a gente não conhece, com effeito não deixa de sobresaltar-me, causando-me serias desconfianças. As vezes o entretenimento não passa de extravagancias romanticas, porque a fal-lar a verdade, si o romanismo não é filho das hervas, não conheceu outro pae sinão o sonho. Outras vezes po-rém entra na baila o futuro, e então sinto quando se elle realiza uma impres-são inexplicavel, indefinivel, faço mil conjecturas, cada qual mais extrava-gante acerca dos espiritos que povoam os ares, meu pensamento se embrulha pelo mysticismo a dentro, e quasi não quasi que me lanço nos braços de al-gumas d'essas loucuras parciaes, cha-madas pelos medicos legaes — monomanias.

Mas tudo se não cifra n'este ponto. Minha constituição organica é summa-mente debil e não deixa de ser eivada d'esse doença do *grande tom* chama-da ataques de nervos, e tudo isso por amor de um sonho! E quantas vezes a sorte de uma batalha, os destinos de um grande imperio não dependeram de menores coisas?

Agora que sabeis a prevenção que tenho contra sonhos que se verificam, contar-vos-hêi um que produziu em mim a mais extranha das sensações.

A 7 d'agosto do anno passado, ape-zar de me haver deitado sem ceas, son-nhei que tinha visto em casa da minha querida Adelaide dois mancebos, cujas phisionomias me eram totalmente des-conhecidas. Um d'elles era claro; os cabellos loiros, olhos azues, n'elles de-monstravam um descendente puro da raça caucasiana: o outro ainda que me-nos bello, possuia essa tez amorenada macia como um arminho, não enrube-cida pelos fogos da mocidade, sinão pallida e melancholica como os traços de uma heroína de romance. Elles, con-

versavam, e Adelaide os entretinha com aquella graça de *ademas* e feiçoire sorriso que sem duvida lhe valera o pome-do judicioso Paris, si por ventura tives-se ella vivido n'esses felizes tempos em que as divindades baixavam do Olympo para prégar peças aos pobres humanos, e entreter-se com os pastores, e povoar os céos de semi-deuses.

Adelaide estava tão contente e prase-n-teira, qual em dia dos nossos primeiros amôres nunca se havia portado para commigo; e os dois mancebos pareciam a porfia querer conquistar-lhe os affec-tos: o primeiro fiava-se na regularida-de de suas feições, na alvura da tez, e no gracioso annellado de seus fios de ôiro; e segundo fazia o papel de *bel es-prit*; ora voltendo os olhos com um bri-lho que deslumbrava, ora deixando recli-nar-se em uma poltrona fingindo aman-tetica malancholia, soltando de vez em quando um repente, um dito engenhoso que quase lhe valia a victoria sobre seu formidavel antagonista. Interessante fôra a qualquer desfructar esses recur-sos da estrategia amorosa, mas eu, a fallar a verdade, não gostava muito da funcção.

Pelo que vai dito, bem podeis ima-ginar que o meu despertar não foi dos mais agradaveis. Longo tempo levei a volver na mente minhas ideias, confu-sas por tão inexperado accontecimento. Bem procurava passar em resenha todos os ditos, e anterior proceder de Ade-laide para comigo, a ver si alguma re-cordação trahia sua infidelidade. — Bal-dada tentativa! ella sempre me appare-cia bella como os amôres, candida co-mo a innocencia.

Ora são sonhos! quem n'elles acre-dita não tem que fazer; passemos adian-te: vesti-me, e fui occupar-me dos meus negocios. Dahi a meia hora nem mais me lembrava de semelhante sonho. Nes-se mesmo dia fui ter com Adelaide; ella saudou-me com um sorriso nos la-bios tão feiçoire, que maldisse todos os sonhos do mundo. Si o mesmo José existisse não sei si o chamaria de im-postor.

Oito dias haviam decorrido quando o acaso, esse maldito acaso que se in-tromette em tudo e de tudo decide, guiou meus passos para a habitação de minha amada, uma hora antes do tem-po, em que, longe das intrigas e maledi-cencias dos homens, costumava gozar momentos de prazer e felicidade.

Ao entrar da porta bem ouvi vozes que me não eram desconhecidas, mas donde não sabia dizel-o. Pé ante pé en-caminhei-me pelo corredor, bato na porta que ia ter á varanda, a creada

me reconhece, imponho-lhe silencio, e as furtadellas me introduzo no gabinete da sala. Ah! por entre as cortinas vejo Adelaide, a minha querida Adelaide com aquelle gracioso sorriso, a que até então me parecia ter direito exclusivo: ella conversava com dois mancebos. — Um era claro, — o outro moreno.

— Eram elles mesmos!

RODRIGUES DA SILVA.

*Collaboração do Gabinete.*

## A MÃE QUE ASSASSINOU A FILHA

A 16 de junho passado uma immensa multidão de curiosos se haviam reunido em frente da casa da viuva O'Donnald; extranhos boatos circulavam entre o povo; dizia-se que essa mulher havia devorado sua filha; todos os assistentes porém regeitavam a supposição de semelhante crime como impossivel.

A 10 de setembro compareceu a accusada perante os *assizes*, e foi ali constantemente o objecto da mais viva curiosidade.

Resulta da accusação que muitas pessoas passando pela ara onde mora a accusada, se tinham assustado com o cheiro de carne assada que forté se sentia. Eram então onze horas da noite, e o pensamento d'um incendio, talvez não sabido, os indusiu a penetrar no recinto da habitação saltando por cima d'um muro. Não perceberam porém fumo ou outro algum signal de incendio; como a lua brilhava vivamente, estavam certas estas pessoas que se não enganavam.

Entretanto sentia-se sempre o mesmo cheiro; e quando se iam retirar ferilhes de repente a vista uma luz que ainda não haviam percebido. Esta luz partia d'uma adega feita por detras d'uma granja, e por consequencia separada do corpo principal da casa. Ah!, inclinándose por cima do orificio do respiradouro, viram um espectáculo horroroso. Uma mulher ainda moça, descahellada, quasi nua, estava abaixada perto d'um brazido, no qual se achava o cadaver meio consumido d'uma creança. De tempos em tempos ella o virava, depois quando os tições se iam apagando, ella se abaixava para os acender com seu sopro, e logo que se inflamavam, horrivel sorriso lhe contrahia as feições.

A accusada não nega algum dos precedentes pormenores, e nem mesmo

procura apresentar justificação. O presidente, depois de ter ouvido o depoimento de algumas testemunhas, procede ao interrogatorio.

Pergunta. — Que idade tinha vossa filha? — Resposta. — Dez annos.

P. — Porque lhe destes a morte por uma maneira tão cruel? — R. — Li que os paes podem dispor á sua vontade dos filhos que o ceo lhes dá. Minha filha tinha mau procedimento; quiz punil-a.

P. — Os paes não são em caso algum authorizados para dispor da vida de seus filhos. Não sei onde lestes o preceito que citastes; sabeis onde foi? — R. — Oh! perfeitamente. Foi n'um livrinho que comprei na feira, e que estava cheio de historias edificantes e de conselhos tirados de autores sagrados.

P. — Na Asia o pae ou a mãe podem, é verdade, matar o filho que os ultraja, mas não é esse o costume na Europa, e de mais não é possivel que tivesses graves motivos de queixa contra uma innocente creatura de dez annos. — R. — E' o que vós não sabeis. Minha filha me detestava, e eu a abhorrecia tambem, porque foi ella a causa de meu defunto marido separar-se de mim.

P. — Como! e não vos arrependeis do crime que comettestes? — R. — Porque razão me arrependeria do que considero como o exercicio d'um direito justo?

P. — Abandonnae esse meio de defeza, que agrava vossa posição. — R. — Pois eu não quero outro, Dei á luz quatro filhos; um d'elles era o tormento da minha vida, abreviei-lhe a sua. Que se segue d'ahi? Devia-me a existencia, tirei-lh'a; agora nada mais me deve.

P. — Accusada, vossas palavras indicam loucura. Ainda não houve inãe que tivesse tal linguagem. — R. — Não sou louca. Sei que me condemnareis á morte; podeis fazel-o; matae-me mas não me forceis a ter pesar do que se há passado. — Não nego que matei minha filha, mas não é verdade que a comesse, como algumas pessoas se atreveram a affirmar.

P. — Entretanto vós a queimastes viva, o que não é menos horroroso. — A. — Não foi morta nas brazas; estrangulei-a e quando ella deu o ultimo suspiro, levei-a para a adega, onde ficou por espaço de cinco dias, no fim dos quaes julguei a proposito empregar o fogo para fazer desaparecer os vestigios de... de...

J. — De vosso horroroso crime!...

A estas palavras pronunciadas com fogo pelo presidente, a accusada que havia hesitado um segundo, continúa

com calma: Do que tinha feito; porque eu queria sua morte, mas não seus soffrimentos.

É impossivel descrever a impressão que em todas as pessoas que assistiram aos debates produziu o odioso sangue frio d'esta mulher. Seu rosto entretanto não denuncia inclinações ferozes.

A sentença do tribunal faz honra ao jury de Limerick; não quiz crer que fosse possivel a uma mãe degolar sua propria filha sem ter perdido a razão. Em consequencia declarou a accusada não culpada apesar de suas reiteradas confissões, mas ao mesmo tempo decidiu que fosse presa em uma casa de alienados para todo o resto de sua vida.

*(Bushing's Evening-Post.)*

## MISCELLANEA.

### CASTIGO DO ADULTERIO NA RUSSIA.

No contracto de casamento a mulher promette ao marido ser-lhe fiel, de sua parte promette o marido que no caso de pilhal-a em flagrante delicto de adultério, elle ha de açoitá-la, sem piedade, e sem se encolerisar. Assim os esposos sabem os deveres a que estão ligados. A mulher infeliz é açoitada, depois volta ao gozo de seus direitos: tudo vai bem. Quando uma donzella está para casar-se, o pae armado com um chicote pergunta ao noivo si para sua mulher a quer acceitar: responde este que sim: então o pae dá trez chicotadas nas costas da filha, dizendo-lhe: «São estas, minha querida filha, as ultimas paneadas que levarás de teu pae: e entrego minha authority, e meu chicote a teu marido, elle sabe o uso que lhe tem de dar.» O noivo, que conhece muito bem as conveniencias para acceital-o de prompto, assegura ao pae, que com sua filha não será preciso recorrer a esses extremos: mas o pae insta, e por fim o noivo acceita a arma contra o adultério.

### SINGULAR APOSTA.

Um Inglez apostou ha pouco que beberia um pote d'agua mais depressa do que um cavallo com sede. Ganhon a aposta por que o cavallo não conseguiu beber o pote d'agua.

1858. Rio de Janeiro. Typ. Commercial de J. do N. SILVA.